

Stadium

N.º 202—16 de Outubro de 1946—Esc. 2\$00

SERAFIM

do

Belenenses



A ILUMINANTE

MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICACOES

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 a 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*

O "capitão" CARDOSO e as verdades do futebol!

ALVARO CARDOSO, defesa direito do Sporting e capitão do seu grupo de honra, internacional e também capitão do *team* nacional, foi punido com o castigo de suspensão por um jogo, pena imposta pela A. F. L., logo após o desafio Sporting-Belenenses. A figura de Cardoso destaca-se no meio das centenas de jogadores que no nosso país animam o popular jogo da bola. E talvez porque Cardoso tem consigo uma certa personalidade adquirida pelo ambiente da vida que vive! Afasta-se voluntariamente da popularidade. Cada um tem o seu espírito e o seu temperamento!

Falar com um jogador do moral de Cardoso, é simpático. Somos todos simplesmente desportistas, pessoas que apreciam o valor do desporto como benefício para o corpo e para o espírito. Mas, praticam-no, recolhendo as vantagens desse exercício físico e a alegria, que dá saúde e optimismo, que porvê dessa actividade de desportista praticante; outros, gosando o espectáculo, apreciável, a luta entre atletas.

— Como se pode apreciar, então, a popularidade dos jogadores de futebol? E Alvaro Cardoso — se bem que soubesse que não eram estas opiniões que dele queríamos, disse-nos:

— Há um jogador de futebol que tem por força de conquistar popularidade. É o marcador de golos. Dá nas vistas pela beleza e emoção do lance que prepara ou concluiu. É também o jogador que por via disso dá a vitória ao seu clube e este aspecto é o mais importante de um jogo de futebol.

Nós — os defesas — apagam-nos. Somos o jogador que pela dureza do seu físico, pela sua experiência, está em contacto constante com o momento mais melindroso do jogo. E nenhum de nós quando tem de acorrer ao lance se esquece que poucos metros atrás está o guarda-redes. A parte um ou outro jogador deste lugar que ganha popularidade mais falada — é o caso de Feliciano — os restantes defesas vivem discretamente a sua acção no grupo, embora em lugar de grande responsabilidade e sempre contingente a interpretações várias quanto ao facto de durezas e entradas, mesmo dentro do espírito da lei. Mas é assim! Os olhos da multidão estão postos nos jogadores que com a bola nos pés lhe está prometendo um golo, de efeito e sempre de vantagem. O defesa acorre, rijo e decisivo como tem de ser, e esses olhos que seguem entusiasmados o jogador, que esperavam ver o pontapé espectacular que lhes oferecesse o golo — quantas vezes o da vitória! — impressiona-se, quase sempre desagradavelmente, com a jogada destruída pelo defesa. É o momento de recair sobre nós o ódio. Raro é o defesa que se salva nestes casos de não ser apontado como ter *entrado* à margem da lei, de ser duro em demasia, etc.

No entanto — dizemos nós — Alvaro Cardoso é sobejamente conhecido, a sua vida no futebol português é especialmente valiosa e por isso é que a recente deliberação da A. F. L. despertou curiosidade e constituiu o assunto das conversas desportivas da semana — que os «porquês» da questão começaram logo fervilhando no «meio» sob vários aspectos, dando até margem a várias opiniões. Alvaro Cardoso estava portanto na «berlinda». E também por isso é que nós fomos ao seu encontro, por isso e para aproveitarmos a «deixa» fazendo-lhe mais três ou quatro perguntas que nos andavam cá na ideia. Era a altura!

Quando pacatamente Cardoso se dispunha a jantar surgimos-lhe, interrogadores e curiosos. Bem recebidos, como aliás acontece sempre com Cardoso, correcto e amável.

Depois de troca de opiniões sobre a popularidade do defesa, a nossa primeira pergunta foi a seguinte:

— Como encara o castigo que lhe aplicaram e a repreensão aos seus camaradas?

— Como capitão de um *team* que procura jogar sempre com lealdade, embora com energia, encafo o castigo como um tratamento injusto. Dentro desses princípios e como pessoa que actua num grupo, merecendo a confiança de o capitanear, a «repreensão registada» aos meus colegas de equipa desgosta-me, por imerecida.

Buscámos, depois desta resposta uma opinião, satisfazendo uma das nossas curiosidades.

— Não entende que hoje o nosso futebol não se compadece com truques e violências?

Cardoso nem pestanejou. Deu-nos uma resposta rápida. Aguardaria só a nossa pergunta?

— Entendo que o nosso futebol não necessita de truques e violências, como também estas o podem prejudicar.

Para que, por vezes, os jogadores não possam convencer-se que são tratados com partidário ou má fé, é indispensável que lhes sejam dadas garantias de boa e imparcial direcção.

Alem disso, é também indispensável que se ensine a não confundir lamentavelmente o jogo duro, que a lei permite, e as jogadas «suas e intencionais».

Não tememos a outra pergunta que desejávamos fazer.

— Dizem que V. está a orientar mal o Sporting em campo, porque tem atitudes — gestos e palavras — que um capitão de um «team» não deve ter?

Cardoso sorriu! E à vontade, num leve gesto de encolher de ombros, diz-nos:

— Não posso julgar-me. Apreciar factos pelos gestos será cair em erro.

Entendo é que o capitão de um *team* não serve só para o cumprimento de estilo ao começar o desafio e para tomar parte na escolha do campo. Somos nós que assumimos a responsabilidade de todo o grupo. E é critério errado um árbitro começar a torto e a direito a repreender este e aquele jogador, não se lembrando da missão do capitão da equipa, que como colega do jogador que o juiz do encontro entenda dever ser repreendido, melhor pode, em duas palavras, falar com o jogador do que o árbitro.

Nós conhecemos o feitio, o temperamento e alem disso o nosso *posto*, compreendido como é por todos os companheiros, actua com plena autoridade disciplinar, sem irritar, mas com calma e boas maneiras.

Ficamos por momentos a pensar nesta opinião de Alvaro Cardoso e depois, a finalizar a nossa conversa.

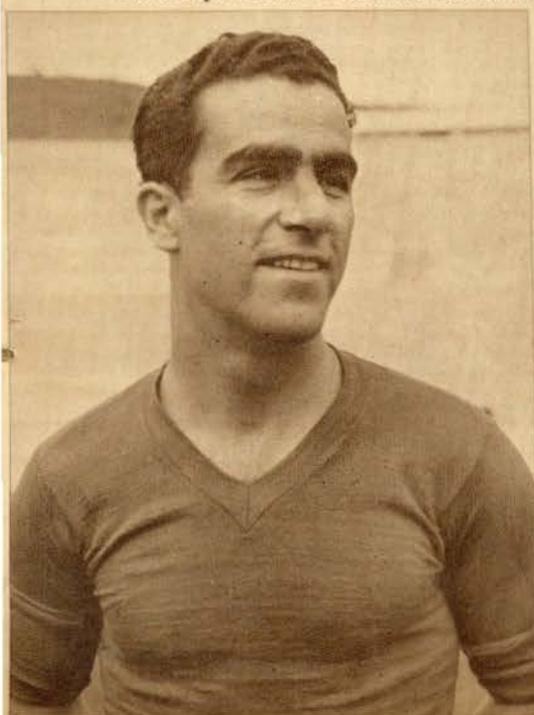
— Que pensa do seu grupo, que poderemos esperar dele esta época?

— Como capitão da equipa não posso ser modesto. A ambição seria tudo.

Um aperto de mão fechou a conversa. Pacatamente Alvaro Cardoso ia começar a jantar, entretendo por certo a ideia nestes pensamentos das coisas da bola, que nesta altura têm um pouco a colaboração do seu nome.



Cardoso é, na vida, um homem de trato afável, composto e apurado!



Cardoso é, como jogador, um homem inteligente e de grande tenacidade. Consta em si próprio!

Temperamento, emoção e velocidade

três características do futebol executado no Vale do Jamor

Crónica de TAVARES DA SILVA



TERMINOU a primeira volta do campeonato de Lisboa da Primeira Divisão. E não poderia acabar de melhor forma. Por fortuna do Calendário, o chamado

derby lisboeta ficou na última jornada. Sendo verdade que este desafio absorveu as atenções gerais, o domingo comportava ainda interesse de sobejo. O Atlético lutava contra o Belenenses; e o Oriental tinha como missão receber o grupo da Cuf em sua casa.

A partida do Estádio Nacional correspondeu à expectativa. Importa fixar mais do que o aspecto técnico, adiante focado, o que ela

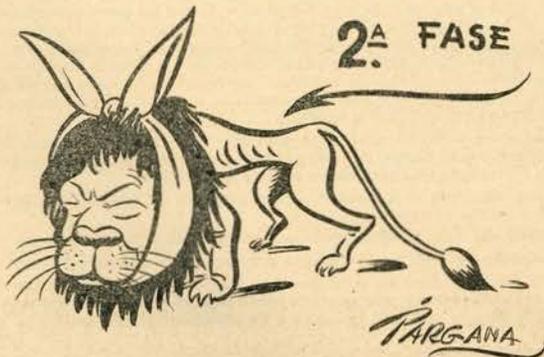
valeu como espectáculo. Deve dizer-se que o magnífico campo do Jamor nunca tinha assistido a tão grande vibração. Os jogos internacionais são de uma espécie à parte e única. Desta vez, os assistentes vibraram e emocionaram-se a tal ponto que, em dado momento, houve a sensação do delírio.

Também na Tapadinha o entusiasmo atingiu o rubro, e as forças em presença bateram-se com denodo. Em Marvila sucedeu o mesmo, mas aí o Oriental, em arcos supremos, conseguiu levar a melhor, vencendo.

Apuraram-se os seguintes resultados:
Sporting.... 3 — Benfica..... 3
Atlético.... 0 — Belenenses.. 0
Oriental.... 4 — C. U. F..... 2



Pinto Mechedo em acção!



Alegrias e tristezas no Vale do Jamor

Os resultados foram de molde a manter a curiosidade pelo Torneio. Se o Sporting tem ganho — como chegou a prever-se, — o seu avanço, se não decisivo, seria já considerável. Talvez que o problema ficasse decidido. Por outro lado, o empate da Tapadinha manteve as distâncias entre os três clubes da frente.

Na luta para o último lugar, o Oriental deu um bom passo. Neste aspecto, os desafios mais importantes são os que se travam entre valores equilibrados. Não será ariscado afirmar-se, no entanto, que os clubes de menos categoria preparam-se para desempenhar um papel de influência na competição. Um passo em falso por parte dos *leaders*, e a sua posição ficará comprometida.

A classificação geral acha-se estabelecida como segue:

Sporting, 3 vitórias e 2 empates, 22 bolas contra 10, 13 pontos; Benfica, 3 vitórias, 1 empate e 1 derrota, 21 bolas contra 10, 12 pontos; Belenenses, 2 vitórias, 2 empates e 1 derrota, 7 bolas contra 6, 11 pontos; Atlético, 1 vitória, 2 empates e 2 derrotas, 9 bolas contra 10, 9 pontos; Oriental, 1 vitória, 1 empate e 3 derrotas, 8 bolas contra 18, 8 pontos; Cuf, 1 vitória e 4 derrotas, 9 bolas contra 21, 7 pontos.

Estes números, quando analisados com atenção e rigores, conduzem a conclusões. Não é indiferente saber-se que o ataque dos *leões* foi aquele que, até agora, marcou mais golos, e ainda que a

defesa belenense foi aquela que sofreu menos tentos. Os números raramente deixam de falar verdade.

Um futebol de duas caras!



ENTR E Sporting e Benfica registou-se um empate a três bolas! Se este equilíbrio não é para admirar, a forma como ele se fixou já merece alguns comentá-

tários. Que mais admirar: ter o Sporting chegado aos 3-0 a seu favor; ou ter o Benfica conquistado o empate no minuto derradeiro, quando tudo o dava como vencido?

Por um lado, uma equipa que ganha folgadamente tem a obrigação de defender o tesouro. Como o que importa, em competição, é a vitória, a margem de três bolas chega para qualquer grupo *matar o tempo*, aguardando o cessar da luta. Mas de outro lado, em equipas animosas como a do Benfica, a desgraça duplica-lhes o valor. Todas as suas forças lançam-se, então, na balança, com entranhado afã, e tais embates são tremendos. Os grupos passam de vencidos a vencedores como que por artes mágicas. No Jamor, o Benfica não foi além do empate. Mas quem negará que, se

ESTORIL e F. BENFICA

terminaram a 1.ª volta em igualdade

O Campeonato da II Divisão da A. F. L. teve, no último domingo, a sua quinta jornada. Ficou-se, portanto, a meio da prova, que, ao contrário do que se previa há cinco semanas, deve vir, ainda, a despertar franco interesse.

O Estoril enganou meio mundo

Castro, conjugando bem os seus esforços, opuseram-se com facilidade ao ataque adversário. A linha medular também esteve à altura das circunstâncias. O trabalho nitidamente inferior coube ao ataque do Atlético; especialmente pela sua ineficácia. Todas as oportunidades perderam-se p. r. mau remate, e quanto mais mexeram nesse ataque — pior.

O Belenenses dominou territorialmente, e não é arrojado afirmar-se que jogou um pouco mais. Sobre a sua defesa, nada mais há a dizer: um bloco sólido e homogêneo, que não se deixa facilmente perfurar. A média também cumpriu. As deficiências verificaram-se, por consequência, numa linha da frente em que Rafael — honra lhe seja! — consegue ser o homem mais perigoso. Arbitrou José Sarandeses, de modo consciente e imparcial, tendo o Belenenses alinhado com Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Elói, Teixeira da Silva, Quaresma e Rafael.

Sob a arbitragem de Manuel da Silva, os grupos alinharam em Marvila da seguinte maneira:

Oriental — Fernando, Morais, Abana, Isidoro, Custódio, Carlos Costa, Augusto, Leitão, França, Mário Vicente e Moura.

Cuf — Eduardo Santos, Marques, Armando, Curtinhal, Bernardo, Gástão, Serra, Correia dos Santos, Passos, Armando Carneiro e Vicente.

Os jogadores da Cuf exibiram-se com agrado, fazendo golpes de excelente ligação. Falta, no entanto, ao seu futebol o característico entusiasmo dos clubes. Da parte do seu adversário verificou-se precisamente o contrário. Todos os elementos puseram o coração na luta. E a altura de vencer, decerto viram. E dizendo-se que a sua vitória foi arrancada nos minutos do fim, e após um erro do árbitro muito grave, em seu desfavor, tem-se uma ideia aproximada do que foi a luta.

O campeonato vai entrar no próximo domingo na Segunda Volta, e nada se pode dizer. O título não se entrega facilmente — só ao clube que o souber conquistar.

— pode dizer-se. Vencedor indiscutível nas três primeiras jornadas, deu a toda a gente a impressão de que era capaz de ganhar o título com o sorriso nos lábios...

Mas, em dois domingos, perdeu três pontos e deixou-se alcançar pelo segundo classificado. Resultado: com duas equipas em igualdade para o primeiro posto, o campeonato vai começar de novo.

E, na verdade, surpreendente esta quebra de rendimento dos estorilistas, que há tão pouco tempo, mesmo perdida a colaboração de alguns dos seus melhores elementos, davam a sensação de uma superioridade absoluta. Agora tem-se a impressão de maior nivelamento de valores na Divisão, e isto, aliado à irregularidade de alguns concorrentes, que fornece resultados imprevistos, pode muito bem «salvar» o campeonato.

Dos três encontros que constituam o programa da quinta «ronda», o Estoril-Casa Pia era aquele em que menos se podia pensar. O grupo da Costa do Sol merecia amplo favoritismo. Não conseguiu, todavia, confirmá-lo. E daí a surpresa da jornada, quiçá, mesmo, deste campeonato. Não se julgue que o simpático Casa Pia não mereceu a vitória (2-1).

Passada a meia hora inicial e alcançado o empate pelos caspianos, estes passaram a jogar com muito entusiasmo. E tanto lhes bastou para tornarem a vida difícil aos estorilistas.

O Sacavenense voltou a jogar no seu campo — desta vez contra o Operário. Depois da exibição prometedora da «saída» anterior, podia admitir-se que os rapazes de Sacaven resistissem melhor ao Operário — um clube que tem sabido da melhor maneira vencer a contrariedade da falta dum campo. A vitória alcançada pelo antigo grupo de S. Vicente tem de considerar-se boa (5-2). Os números exprimem vantagem clara.

O Arroios afigura-se-nos que ainda não adquiriu regularidade. Depois dum excelente resultado contra o Estoril, uma pesada derrota em frente do Futebol Benfica... Não é a derrota que surpreende, mas sim os números que a ditam.

O próprio resultado da primeira parte (2-2), após interessante recuperação do Arroios (de 0-2 a 2-2), não deixava prever tão nítida quebra de rendimento. Mas a equipa inferiorizou-se e os benfiquenses puderam impor-se claramente.

Diamantino Dias



Como Azevedo se lança a uma bola alta!

o desafio tem mais alguns minutos, o desfecho talvez tivesse sido outro?

Como sempre sucede no Estádio Nacional, mas em menos escala que de costume, o factor vento exerceu influência no desenvolvimento do futebol. Do primeiro para o segundo tempo, há o auxílio desse valioso factor. Por si só, ele não justifica o que se passou — mas auxilia a sua compreensão.

O Sporting apresentou-se com as falhas já previstas: Azevedo, Barrosa, Manuel Marques, Canário, Veríssimo, Lourenço, Armando Ferreira, Vasques, Jesus Correia, Travassos e Albano.

Quer dizer, em cada célula faltou um homem; por sinal a pedraba. Todavia, o quadro correspondeu em absoluto, mantendo uma coesão bastante sólida enquanto o Benfica não carregou a fundo, dando ao *association* invulgares características de rapidez e movimentação.

Com os seus valores arrumados convenientemente, a equipa apresentou uma defesa de malhas cerradas: Barrosa desempenhou a contento a sua missão (a desfortuna do canto que provocou o empate não invalida a afirmação!), Veríssimo fez o lugar de médio-centro com inteligência, insistindo no serviço aos extremos e não jogando ao acaso; e Lourenço, chamado ao primeiro nível, forneceu o rendimento de que é capaz sempre que estiver em forma física trabalhada. Canário cobriu bem o seu lado, e Manuel Marques desceu relativamente ao jogo contra o Belenenses.

No ataque, a equipa pôde contar com um chefe: Jesus Correia. Eis um elemento sem acrobacias ou bonitos, mas terrivelmente eficaz: a recolha de bola voltado para o seu campo deve classificar-se de modelar, e o seu dar de jogo e colocação classificados com nota alta. Os novos interiores, Vasques e Travassos (este, inimitável na condução da bola!), compreenderam o jogo — servindo os extremos a todo o momento. Albano esteve em plano de grande evidência, e Armando Ferreira desenvolveu bons lances a par de incompreensíveis esmorecimentos. O *team* teve em Azevedo o guardaredes que inspira confiança.

O Benfica, com a falha sensível de Cerqueira, apresentou-se com Pinto Machado, Artur Teixeira, Félix, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsénio, Júlio, Baptista e Rogério.

Há um certo desnivel entre os

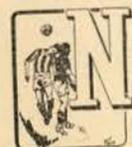
valores defensivos e atacantes. A parilha de backs deixou-se bater com relativa facilidade, apesar do concurso da linha medular. Aqui brilhou a grande altura o médio Moreira, no papel de orientação, passando a bola com primores de técnica. Jacinto actuou no seu estilo de bom jogador de clube, esforçado e batalhador. Francisco Ferreira, com um final de energia, não forneceu a medida a que nos habituou há muito tempo.

Júlio é o homem das oportunidades; perigosíssimo em todos os lances, faz tudo com rapidez incrível. Arsénio reapareceu, e deixou-nos a impressão de que não está em boas condições físicas. Vimos pela primeira vez o novo interior Vítor Baptista, e entre algumas vulgaridades anatômicas — lhe uma bola preciosa. Homem para ver no futuro, parece-nos deficiente no trabalho da bola com os pés. Espírito Santo atravessa um mau período da sua vida de jogador, decerto passageiro. De Rogério, pode dizer-se, tem produzido lances de visão e de superior execução, sem embargo de se deixar marcar com facilidade.

O árbitro, Carlos Canuto, não cortou desnecessariamente os golpes — como tantos outros fazem! — interpretando bem o jogo.

Os *leões* foram mais regulares. Talvez organização mais perfeita. Mas o melhor período, futebol quente, vivo e rápido, deve-se ao Benfica. O jogo adquiriu nessa fase uma velocidade inconcebível! O Sporting abriu brechas, mostrando-se os seus elementos como que desorientados. Julgamos que esta característica de fulgor, ritmo e rapidez não se encontra em nenhum futebol do mundo, a não ser em Espanha.

O empate da Tapadinha e a vitória do Oriental



A Tapadinha, o Atlético alinhou com Correia, Baptista, Castro, Rosário, J. Lopes, Galinho, Manuel da Costa, Gregório, Amaral, Gomes, Marques.

Correia transformou-se na grande figura do encontro. É certo que o Atlético produziu mais futebol de defesa, e quando isto sucede as qualidades dos homens das redes vêm ao de cima.

Na verdade, a defesa atlética esteve seguríssima. Baptista e

AZEVEDO fala de CAPELA CAPELA fala de AZEVEDO

GRAHAM BELL, ao inventar o telefone, prestou um óptimo serviço à humanidade:

A's vezes irritamo-nos porque ele não «fala» ou porque as «meninas» trocam os números — ou porque uma dessas cabines que por aí há nos fica com cinco tostões... mas, intimamente, mesmo quando estamos zangados, reconhecemos a extraordinária utilidade daquele aparelho.

O telefone serve para tudo. Para o bem — e para o mal... Para dar um recado urgente, para dar uma boa ou má notícia, para um «flirt» — e para a reportagem mais sensacional ou mais corriqueira.

Para o jornalista é o telefone um grande amigo... Tira-nos de embarcações — a toda a hora...

Serviu-me agora para esta reportagem. Pelo telefone recebi este encargo: — «É preciso saber o que pensa o Azevedo do Capela e o que pensa o Capela do Azevedo!»

Achei graça e originalidade à ideia. E imediatamente me dispuz a dar-lhe execução. Mas como? Onde procurar o grande «keeper» nacional e do Sporting? Onde descobrir o guarda redes do Belenenses, um dos pilares da defesa «azul», uma das «torres» de Belem?

Estava perplexo quando uma voz interior me segredou: — Ó homem, então não tens o telefone?

É verdade. Tinha o telefone!...

Falei, então, para o Sporting à procura do Azevedo — porque o «tout seigneur, tout honneur», e Azevedo é ainda, o maior de todos. Não estava. Sucessivamente experimentei o Café do Coliseu, o Magina, o estádio do Lumiar. Nada, nem vestígios.

Não desisti. E, à noite, liguei para o Barreiro. Um camarada e amigo, o João Dias, tinha-me dito: — Por volta das vinte horas encontra-lo no café.

Encontrei mesmo. E uma vez à fala com o famoso guarda redes — para muitos e para mim o melhor de todos e de sempre — desfechei-lhe, sem preparação, esta pergunta:

— Que pensa o Azevedo do Capela?

A resposta não veio pronta. Senti que Azevedo ficara surpreendido e se já houvesse entre nós a televisão — talvez o visse de olhos arregalados... Esperei um pouco. Repeti a interrogação. E só depois o sportinguista me respondeu:

— Julgo-o um dos melhores guarda redes portugueses, dotado de bons recursos físicos, e susceptível de progredir com trabalho e aplicação.

Uma pausa. Aguardo uns instantes e volto a anotar:

— De momento, porém, e sem que esta opinião envolva menos apreço por Capela, considero ainda melhor o guarda redes do F. C. Porto, Barrigana.

Esta resposta faz-me então compreender a leve hesitação de Azevedo...

Passo nova pergunta:

— Julga que será Capela o seu substituto?

Pelo «milagroso» fio chega-me veloz a réplica do grande jogador:

— É cedo para falar nisso! Ainda espero continuar algum tempo em actividade...

«De resto, a minha opinião nenhuma importância, a escolha depende do

seleccionador. E o critério de este pode ser diferente do meu.

— Está então disposto a continuar em actividade?

— Enquanto tiver recursos e a boa forma se mantiver. Procuro mantê-la com pre-

paração adequada e sinto-me com forças para prosseguir.

«Mas...

Azevedo cala-se por momentos. Que terá ele para me dizer? Não tarda a sabê-lo:

— Isto não quer dizer que, em plena posse das minhas faculdades, não apareça outro que me suplante. Se tal acontecer de bom

grado lhe cederei o meu lugar na selecção nacional!

Nada mais pretendo do meu interlocutor,

— Obrigada, Azevedo!

— De nada!

Bem. Agora preciso de encontrar o Manuel Capela. Lembro-me que talvez na casa do grande belenense Miguel Butuller. Uma

casa que é uma espécie de sede do clube — na Baixa... Telefonei para lá. Que sorte!

O Capela estava! E, logo já no outro extremo do fio, o cumprimento do estilo e logo

a pergunta: — Que pensa o Capela do Azevedo?

— Como, como? é a resposta do «keeper» Belenense.

— Insisto:

— Que pensa o Capela do Azevedo?

O guarda redes do «azul» teve, entretanto, tempo de se recompor. E não demorou a revelar-me o seu pensamento:

— O Azevedo é um grande guarda redes, o melhor de todos nós. E a avaliar pelo que me têm dito, o melhor que tem havido em Portugal. Não vi jogar o Roquete, nem o Chico Vieira, nem o Carlos Guimarães; mas o Azevedo parece-me inexcusável, ainda em plena forma.

— Muito bom! E pensa que será capaz de o substituir um dia?

A resposta de Capela não é firme. Compreensivelmente...

— Bem vê... Sim... Sabe...

Não tarda, porém, que o esplêndido jogador cala em si, acalme a perturbação em que a minha pergunta o lançou. Responde-me, então, desembracadamente:

— Todos os que jogamos futebol e somos novos temos uma aspiração lógica; legítima de sermos internacionais. Por isso — espero a minha hora. Mas parece-me que ela ainda vem longe.

— Então porquê?

— Ora, porquê! Porque o Azevedo está de «pedra e cal». Não lhe parece uma razão forte?

— Sim, não há dúvida...

— De resto, quem nos diz que não aparece uma «revelação» ou quem pode saber o que pensa o seleccionador?

Inverteram-se os papéis. Parece que sou eu agora o entrevistado! E para pôr as coisas no seu lugar não respondo ao Capela... Faço-lhe, sim, mais uma pergunta:

— Gosta do futebol?

— Se gosto! É o meu desporto predilecto. No Belenenses espero acabar a minha carreira desportiva.

— Estou satisfeito. E desligo o telefone com o sacramental: — Muito obrigado! Capela desliga também com o não menos sacramental: — Não tem de quê!

MANUEL MOTA



O jornalista Manuel Mota em busca das entrevistas. Sofre-se muito ao telefone



Capela mostra-se surpreendido!



Azevedo acha certa esta pergunta!

Uma defesa aparatosa de Azevedo. Espírito Santo saltou com a agilidade costumada, mas o guarda-redes leonino consegue apagar o golpe. Encoberto Lourenço. Um pouco de longe, Manuel Marques mostra as suas preocupações, e um jogador do Benfica anima o seu companheiro. São momentos emocionantes do jogo da bola.



A VELOCIDADE
do BENFICA
E A ORGANIZAÇÃO
do SPORTING



Um golpe em que só intervem jogadores do Benfica. Todo o cuidado é pouco...



Julio corre com a bola nos pés, velozmente, a caminho das redes. Manuel Marques tenta desarmá-lo. A velha luta do avançado-centro contra a defesa!



Os jogadores da bola têm de ser átieta. Veja-se este salto!



Azevedo está batido. Os «leões» defendem-se com ânimo e os benfiquenses atacam com fúria. As redes saltaram-se... desta vez!



Há jogadas em que os que defendem são muitos e nem todos chegam!

NOTA DA SEMANA

NO dia 17 de Março de 1897, em Carson City, cidade mineira do Estado de Nevada (E. E. U. U.), a temperatura do ambiente mostrava-se um tanto álgida. O céu, de impressionante luminosidade, exibia a limpidez e o colorido azulado anunciadores de um lindo dia.

Para os desportistas entusiastas pelo jogo do boxe, seria uma data grande, pois James Corbett ia combater Robert Fitzsimmons para o campeonato mundial, liquidando uma disputa que se arrastava há anos. Mas este dia de Março não entrou na posteridade, como celebre, apenas por tal efeito.

Também porque o famoso inventor Tomás Edisson fez a experiência da sua primeira máquina de filmar — o Kinetoscópio — fixando no celulóide os principais episódios do combate, 27 de Março ganhou foros de grande efeméride.

De facto, a fita permitiu decidir sobre um incidente ocorrido durante o combate, mesmo no fecho, pois Corbett e os seus partidários asseveraram que Fitzsimmons o golpeara, estando no solo, e deveria ter sido desqualificado.

Foi, como se vê, uma estreia brilhante para a cinematografia, associando, até certo ponto, o seu advento à causa desportiva.

Pois parece certo que a televisão lhe seguiu as pisadas. A corrida de cavalos realizada no sábado em Ascot, o Grande Prémio de El-Rei Jorge VI, deve ter sido retransmitida na íntegra em toda a Inglaterra pelas estações rádio-emissoras.

Conhecendo-se a dificuldade de acompanhar pelo espaço de três quilómetros, com a aparelhagem complicada própria, uma série de acontecimentos de grande dinamismo, a lentidão levada a cabo no turl de Ascot constituiu mais outra prova cabal da importância e dos benefícios do desporto. Em caso de êxito, muitas pessoas que não puderem, de futuro, por vários motivos, presenciar de perto os grandes acontecimentos desportivos, terão meio de os ver através do écran do seu aparelho televisor, independentemente das distâncias e de outros fenómenos perturbadores insuperáveis.

R. B.

ATLETISMO

Uma chuva de recordes

CELEBRARAM-SE em Moscóvia os campeonatos russos de atletismo. Dizem de Estocolmo que foram batidos 21 recordes nacionais — a maioria femininos — sendo o mais saliente o do salto à vara, que Osolin elevou para 4,10 metros.

Wooderson ganha a Taça de Ouro

SYDNEY WOODERSON foi premiado com a famosa taça de ouro «Jackson Memorial Cup», que é o prémio conferido em In-

BOXE

Uma excelente vitória italiana

EGISTO PEIRE, campeão de Itália dos «semi-médios», que passa por ser um dos melhores pugilistas europeus da sua categoria, acaba de obter um triunfo notável. Oposto, em Roma, ao campeão de França, Omar Kouidri, alcançou a vitória por pontos no fim de doze assaltos.

Peire, nos primeiros dias do mês de Setembro, havia ganho ao catalão José Peiró por *Knockout* em 6 rounds. Em consequência do resultado do precedente combate com Kouidri, espera-se que o campeão europeu da categoria «semi-médios» se dispute entre Ernie Roderick, titular inglês, e o esgrimista italiano, ou entre este e Vince Hawkins, caso Roderick perca o desafio que tem concertado, com o último nomeado, para 28 do corrente.

glaterra ao melhor atleta de cada ano. Possuíram este troféu, criado em homenagem a Storde Jackson, vencedor dos 1.500 metros na Olimpíada de Estocolmo (1912) — os seguintes desportistas: D. G. Lowe (1927), Lord Burghley (1930), Roberts (1937) e D. G. Finley (1938).

O encontro França-Finlândia

NO Estádio de Colombes realizou-se o primeiro desafio *post-guerra*, de atletismo, entre a França e a Finlândia. Depois de uma luta muito equilibrada, que só diminuiu na modalidade dos saltos e lançamentos, a Finlândia triunfou por 76 pontos a 74.

Os finlandeses ganharam as provas de 1.500 m., 5.000 m., altura, vara, peso, disco e dardo.

Hansenne arrancou os 800 metros em 1 m. 50,7 s. e Marie os 110 (barreiras) em 14,8 s.

HIPISMO

O Grande Prémio «El-Rei Jorge VI»

DEVE ter-se realizado no sábado findo — mas à data em que escrevemos ainda não chegaram notícias — no famoso campo de Ascot (Inglaterra) a corrida de

"FLECHA"

é a melhor bicicleta



FUTEBOL

Na Inglaterra

EMBORA com mais um jogo do que a maioria dos seus rivais, o clube *Blackpool* conserva-se à cabeça do campeonato da primeira Liga, com 8 vitórias e 2 derrotas (16 pontos). Em segundo lugar, figura o *Manchester United*, com 6 vitórias, 2 empates e 1 derrota (14 pontos) e em terceiro *Sunderland*: 5 vitórias, 2 empates e 2 derrotas (12 pontos).

Na cauda, vêm o *Arsenal* e o *Huddersfield*, ambos com 5 pontos. O famoso clube londrino é o único que ainda não conseguiu ganhar um só desafio «em casa», pelo que se pode concluir que o campo de *Highbury* não lhe é propício.

Na 2.ª Liga continua na dianteira da classificação o *Barnsley*. Em dez jogos disputados alcançou 6 vitórias e 4 empates. É o único clube que está ainda virgem de derrotas, na data que redigimos os presentes comentários. Atrás do *leader* seguem-se o *Newcastle United* (com 4 vitórias, 4 empates e 1 derrota), o *West Bromwich Albion* (6 vitórias e 2 derrotas) e o *Manchester City*, etc. Na cauda continuam o *Millwall* e o *Newport*.

Na 3.ª Liga (Norte), *Doncaster* e *Chester* dividem entre si a condução da dianteira, ambos com 16 pontos, mas o último tem mais um jogo que o primeiro.

Ambos contam com uma derrota «em casa». Na mesma Liga, zona Sul, o *Queens Park Rangers* avanta-se o *Cardiff City* em mais um ponto, menos um desafio disputado e sem derrotas.

Este Campeonato das Ligas, da época 1946-47, prossegue batendo alguns recordes anteriores, em especial o da assistência aos jogos. No fim das cinco primeiras semanas, o cômputo dos espectadores relativos a cada uma era o seguinte: 943.590; 1.012.776; 885.000; 992.000; 1.012.661.

Não há memória, nos registos do desporto inglês, de tão grande interesse popular pelos desafios de futebol.

O célebre clube *Sparta*, de Praga, continuou a série das suas surpresas, lutando contra o *Birmingham City*, no campo de St. Andrews. No fim do tempo regulamentar os visitantes perdiam por 3-1. O jogo foi marcadamente amigável e caracterizou-se, em especial, pela pouca ânsia de marcar tentos por parte dos checos.

Neil Dougall, o interior-direito do *Birmingham*, disparou algumas «bravas» violentas às redes, que o Horak defendeu com grande brilho, umas, e passaram fora, outras. Até à grande área, o trabalho dos jogadores do *Sparta* foi excelente, mas careceram de capacidade de realização.

Na quinta-feira última, o *Sparta* empatou com o *Derby County* por 3-3, mas o árbitro escamoteou o *goal* de empate aos visitantes sob grandes protestos da assistência.

A linha média dos checos trabalhou com acerto e, no geral, o grupo merecia ter deixado o campo sem a mancha da derrota. A um escasso minuto do desfecho, depois de executado um pontapé de canto, o guarda-redes inglês deixou que a bola passasse a linha de *goal*.

O árbitro apitou, indicando com a mão o centro do terreno, mas deve ter-se arrependido acto-contínuo, pois assinalou imediatamente o final do desafio.

A impressão que os jogadores checos têm deixado no público e na crítica, é a de um bom grupo, mas inferior aos russos do *Dynamo*, de Moscóvia.

O encontro Dinamarca-Suécia

REALIZOU-SE em Estocolmo, na presença de mais de 40.000 espectadores, o desafio internacional de futebol entre suecos e dinamarqueses. No fim do primeiro tempo, a Suécia havia conseguido 2 a zero, mas o jogo terminou com um empate por 3-3.

O campeonato do Uruguai

COM a vitória do Clube Nacional de Montevideo, terminou, na semana finda, o campeonato uruguayo de futebol. Os resultados do último dia de provas foram os seguintes.

Nacional, 5; Progresso, 2. Peñarol, 2; Liverpool 1. Defensor, 5; Central, 2. Wanderers, 2; Rampla Juniors, 1. River Plate, 2; Miramar, 0.

... e o do Chile

EM seguida à última jornada, a classificação dos clubes é a que se segue:

1.º — Universidade do Chile (24 pontos); 2.º — Colo-Colo (23 pontos); 3.º — Magallanes (23 pontos); Wanderers (21 pontos).

No Mundo da Bola

Pe-lo JORNALISTA DESCONHECIDO

O velho assunto do futebol:

— a arbitragem!

É sempre um assunto de palpitante interesse no futebol de qualquer país: — o problema da arbitragem. Sabemo-lo todos, e todos nos admiramos de não vermos na arbitragem e necessária uniformidade de critérios, de perfeição inatingível, é certo, mas que se deveria tentar na medida do possível. E não vemos que alguma coisa se faça actualmente com tal objectivo...

A Comissão Central, atenta aos interesses de seu ofício, bem avisadamente, publicou em tempos uma instrução a que chamámos a *Carta de Arbitragem*, pormenorizando a orientação em que os juizes de campo se deveriam meter. Tentava-se, nesse documento, entre outros objectivos, o de fazer com que o julgamento de carga fosse idêntico por parte dos árbitros. Em boa verdade, este reforço seria dispensável se os Regras do Jogo fossem lidas atentamente e convenientemente digeridas. Não basta saber a lei de cor, mas é muito mais importante conhecer o seu espírito. Praticamente, o que a lei quer dizer na sua letra!

As Regras fulminem o dano intencional e a chamada violência, mas acellem a carga, de sentido leal, mesmo quando dura e forte, como elemento do próprio futebol. Os árbitros, regra geral, e conhecemos algumas excepções, admitem o truque e a jogada irracional, ou por não verem ou por não calcularem os efeitos deploráveis que tais faltas produzem (inacessando muitas vezes para o gol), e não deixam de punir a carga nobre e legitimamente feita com toda a força que o jogador tem.

É evidente não ter de se esperar o critério dos juizes de campo que assim estão a proceder, lançando a desorientação no futebol; dando-lhe defeitos e vícios.

A Comissão de Lisboa poderia lançar-se no movimento da uniformização, secundando os esforços do Organismo Superior. Para já organizando reuniões semanais, com a Carta do Arbitragem à vista, e debatendo e esclarecendo os assuntos de arbitragem mais importantes. Sempre com a seguinte divisão: defender o futebol por uma arbitragem firme e uniforme.

CONTA-GOTAS

A A. F. L. não está disposta a transigir com actos de indisciplina em campo.

Muito bem! Mas os árbitros devem auxiliar a Associação de Lisboa, actuando de forma a originar boa justiça associativa.

A Associação de Lisboa conta actualmente 44 clubes filiados. Há outros Organismos Distritais, segundo julgamos, com mais filiações. O Porto, por exemplo. Mas a importância da A. F. L. resulta da qualidade e não da quantidade dos seus inscritos!

Um despacho da Direcção Geral dos Desportos:

Os soldados a quem foi autorizada mudar de clube em vista do serviço militar, não necessitam pedir licença para voltar ao seu antigo clube quando termine o referido serviço, pois a transferência caduca automaticamente com o licenciamento.

Os dirigentes do futebol português, tanto os de Lisboa como os que se encontram espalhados no país, estão animados dos melhores propósitos no que respeita à formação de jogadores, via de juniores. As boas ideias frutificam sempre!

2 Os desafios internacionais sucedem-se por esse mundo fora. Os países libertam-se dos males que sofreram, procurando nos jogos desportivos o bálsamo da fé e confiança na sua raça. Depois do Suécia-Holanda, chega-nos a notícia da efectivação do encontro Iugoslávia-Cecoslováquia, vencendo aquele por 11 pontos a 2.

É raro ver-se em desafios internacionais um resultado tão desnivelado. Dos jogos internacionais vistos por nós, somente nos lembramos do desastre búlgaro em Madrid, não citando o encontro da nossa desgraça.

Lembra-nos, no entanto, o futebol iugoslavo de tão boa conta em Oviado, contra a Espanha, e mais ainda o checo, que chegou a ser dos melhores da Europa e que realizou entre nós exhibições primorosas. O resultado que nos é transmitido indica os danos sofridos por esse nobre povo checo, grande cultivador da educação física.

3 As apostas de futebol, em Espanha, parece não estarem a provar lá muito bem, não havendo a concorrência que a expansão do Jogo justificaria, e a princípio se julgava.

Havia quem combatesse as apostas, afirmando que elas acabariam com o futebol. Afinal, o jogo não se sente afectado, e dá-se o fenómeno curioso de todas as pessoas, mesmo os clubistas exaltados, apostarem com lógica.

Referindo-se ao movimento das apostas, o crítico Gilra afirma que elas são e serão mero recreio e nada influem no desenvolvimento das partidas, com a vantagem de não ser possível jogar quantidades que arruinem os lares.

CORRE QUE...

A Associação de Futebol de Lisboa precisa dos desafios que se anunciam com Madrid e Paris por motivos financeiros.

✦✦ Vai ser convidado para formar a Seleção de Lisboa o conhecido dirigente, técnico e jornalista, major Ribeiro dos Reis.

✦✦ O presidente da Associação de Futebol de Lisboa reúne-se brevemente com a Federação Portuguesa, ocupando-se de assuntos que interessam à vida do seu organismo.

✦✦ O Sporting tem ainda esperanças de continuar a dispor do excelente avançado Luís Cordeiro.

✦✦ O Benfica estava na disposição de não alinhar Arsénio enquanto ele não se resolvesse a encerrar a sério a sua vida de jogador. Mas a competição exige!

✦✦ Peyroteo está tocado no joelho, e isso preocupa a gente do Sporting.

✦✦ Augusto Silva, treinador do Belenenses, continuará a prestar serviços na selecção portuguesa de futebol.

O seleccionador espanhol

e as suas directrizes

Em Espanha chamam ao actual seleccionador o Bernard Shaw do futebol espanhol, acrescentando-se que todos o temem e não há quem o aborrea. Ninguém negará tratar-se de definir um homem, pelo menos, de forma curiosa.

Segundo Pablo Hernandez Coronado, os jogadores de clube dividem-se em bons e maus. E os jogadores internacionais também formam duas classes: os que têm temperamento de internacional e os que não têm.

A classificação de Coronado parece uma maravilha, tão clara é. Mas tem a obscuridade de não definir o que se deve entender por temperamento de internacional.

Por outro lado, há jogadores bons que, em certas épocas, são menos úteis do que os maus; e jogadores de forte temperamento, que atravessam momentos de depressão. Ah! A lei da forma!

Posto o problema dos dois processos de elaborar uma Seleção, ou à base de um grupo em boa forma, ou exclusivamente de figuras, Coronado inclina-se a favor do segundo critério, baseando-se em que...

Raras vezes se dá a casualidade de coincidirem os ases numa única linha ou num só par de clubes.

Quanto, propriamente, ao que mais e menos o preocupa na constituição da linha espanhola, Coronado levantou um pouco do véu nas seguintes declarações:

— O trio defensivo completo é o que menos me inquieta. O que mais me preocupa são dois pontos no ataque e um nos médios.

O Seleccionador espanhol não revelou de que postos se tratava, mas ligando as suas declarações com o último Espanha-Irlanda e as objecções postas ao findar o encontro, vê-se que a principal dificuldade de Coronado estará na escolha dos interiores e do médio-centro. A ver vamos.

Pablo Hernandez Coronado não parece ser muito amigo, nem partidário, do jogo técnico, ou das modernas concepções, ao dizer-se decidido a fazer, ou, pelo menos, a intentar fazer, uma equipa espanhola. Muito à espanhola. O que quer dizer muito coração e muita honradez e hombridade.

A primeira vitória do ORIENTAL



Os orientais atacam com ímpeto! Eduardo Santos defende-se. Bem o pode fazer — pois os seus companheiros já foram batidos!



Esta jogada dá a impressão de ter sido goal. Quem sabe!



O guarda-redes da Cuf parece divertir-se com a boia...



É assim que os guarda-redes sofrem goals. Eduardo Santos nada pode fazer, tendo-se lançado no entanto com decisão e agilidade



Um aspecto que mostra os melhoramentos introduzidos no campo de Marvila. O Oriental não pára na sua obra!



Correia, a grande figura em campo, na Tapadinha, solta mais uma vez as redes. Como que afirma agarrado à bola. Não é goal!



Cuapela também executou na Tapadinha algumas jogadas de mérito!

O ATLETICO
PROGRIDE
E O BELENENSES?



Para salvar as balizas é preciso ser decidido e valente! Veja-se como Correia se lançou aos pés de Armando...



Uma defesa do Atlético serve de suporte ao seu guarda-redes. Eis uma entre-ajuda preciosa!



Quaresma ataca com oportunidade e rapidez... A defesa está já feita!

O 4.º ENCONTRO PORTUGAL-ESPANHA

reflectiu, com fidelidade, as características da natação dos dois países

Mário Simas é o melhor valor peninsular

POCAS vezes um encontro entre seleções de dois países reflectirá, com tanta fidelidade, as características próprias da modalidade em causa, nesses dois países, como este quarto encontro Portugal-Espanha, em natação para, disputada a 6 e 7. do corrente, na piscina de Santa Cruz de Tenerife.

Se, na véspera das provas, alguém que conhecesse, de facto, a natação das duas nações peninsulares, se desse ao trabalho de «disputar» o encontro, no papel não podia chegar a outra conclusão que não fosse a vitória dos espanhóis: nitida, clara, expressiva—corolário naturalíssimo de um trabalho em profundidade, intenso e sério, realizado no país vizinho e que se traduzia num progresso inofismável em relação a 1945.

Essas «contes» também nós as fizemos, mas a lrio. E como tal, a diferença de 17 pontos, que ao cabo das duas jornadas nos separava dos nossos adversários, não nos surpreendeu. Achamo-la naturalíssima—justa.

Não se julgue, no entanto, que fizemos estas afirmações somente depois do facto consumado, para tomarmos ar de profeta. Não. A 24 de Setembro escreviamos num vespertino da capital: «Sem quereremos, de modo algum, ser pessimista, mas cingindo-nos à análise desapassionada dos números, e ao conhecimento que temos da natação dos dois países, somos logicamente levados a admitir um triunfo global dos espanhóis, o que não quer de forma alguma significar que triunfem individualmente em todas as provas. Mas vencerão na maioria. E levamos-nos vantagem na conquista para o segundo posto. E' mais do que suficiente...».

E os factos confirmam o prognóstico...

A natação não conhece a lei do acaso

Modalidades há, os desportos de equipa, por exemplo, em que podemos contar com o factor acaso, ou talvez, por outras palavras, com o factor sorte. Quantas vezes—permita-se-nos meter foice em seara alheia—nam desalio de futebol, ganha a turma que pior comportamento teve no terreno. E dizem os entendidos: a sorte do jogo não esteve pelo nosso lado.

Na natação, porém, o factor sorte quase não existe.

A natação é, ainda, um desporto que, como poucos, exige um trabalho metódico, regular, um permanente contacto com a água. E os nossos nadadores—alguns pelo menos—parece que

ainda não se convenceram desse pormenor basilar.

E nesta crónica de comentários a distância, não podemos, realmente, esquecer que o encontro foi resolvido com quinze dias de antecedência. Depois de um longo torneio epistolar, chegou-se finalmente a um acordo, nas vésperas da partida. Baptista Pereira, partiu para as Canárias com cinco treinos!

Se o encontro interessa a Portugal, interessa, também, à Espan-

ressam todas as regiões, enquanto que entre nós apenas há nadadores em Lisboa.

Uma saudação especial para Mário Simas

O nome de Mário Simas sarge-nos nam plano à frente. Não se pode exigir mais de um campeão.

O valoroso nadador, indiscutivelmente o melhor da Península, deixou neste encontro a sua presença assinalada a letras de ouro.

Em 100 metros-livres, além de uma magnífica vitória, fixou em 1 m. 00 s. 7/10 o novo recorde da distância. Aliás, esta corrida, foi a corrida dos recordes: Segismundo Pera (1 m. 01 s. 3/10), também bateu o velho recorde de Espanha, pertença de Sabate, e Angel Senra (1 m. 02 s. 8/10) bateu o recorde do Centro. Patróni, que para ser «internacional» tem idade, embora não indo além do quarto lugar, creditou-se, no entanto, numa marca de muito valor—1 m. 03 s. 2/10.

Nos 100 metros-costas, Mário Simas voltou a impor a sua «classe» indiscutível, arrancando a outra vitória da turma lusitana, e vencendo por forma a não deixar dúvidas. E, apesar do esforço já feito na prova de «estilo-livre», ficou apenas a dois décimos de segundo do máximo da distância.

Além da marca de Mário Simas (1 m. 09 s. 2/10), os «tempos» dos nadadores espanhóis também têm categoria: 1 m. 11 s. 4/10 de Weller e 1 m. 12 s. 7/10 de Calamita. Temos, portanto, um conjunto de resultados valorosos, a demonstrar, também, o grande equilíbrio de valores existentes entre os nadadores espanhóis, onde é insignificante, por vezes, a diferença do campeão para o sub-campeão.

Pereira Bastos correu sem possibilidades, em 1 m. 18 s. 4/10.

As provas de meio-fundo

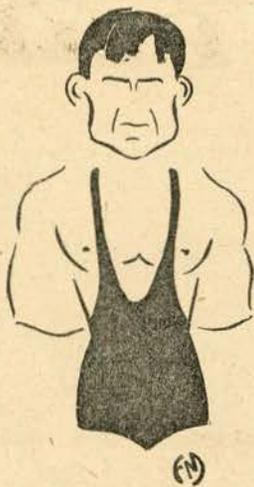
Nos 1.500 metros-livres, prova disputada no primeiro dia, os espanhóis marcaram a sua esperada superioridade. Ocuparam os dois primeiros postos—e venceram à vontade. Manolo Martínez, confirmando o seu título de campeão ibérico, cobria a distância no belo «tempo» de 21 m. 42 s. 4/10. Mas Ferry não lhe ficou longe—mais uma vez se sabinha o equilíbrio de valores—com 22 m. 30 s.

O português Belmiro Santos obteve um resultado que excedea a mais optimista expectativa: 21 m. 36 s. 3/10, que fica sendo o segundo «tempo» português. Belmiro desforrou-se, assim, da melhor maneira, do insucesso sofrido nos campeonatos nacionais.

Baptista Pereira correu dentro



Simas



Baptista Pereira

na. Deve, pois, haver desportivismo de parte a parte. E nunca nos colocarmos, perante os nossos vizinhos, numa posição de inferioridade.

Para além da derrota

Perdemos. E' a realidade. Não temos porém de que nos queixar. Mesmo com o encontro preprado com antecedência, mesmo fazendo todo o percurso da viagem por via aérea, mesmo até com o madeirense Vasco de Abreu,—perderíamos. E a razão é só uma: valemos menos do que os espanhóis. Não temos, pois, nam jeito que, por nosso mal, muito nos caracteriza, que carpir a derrota. E só há uma forma: trabalhar. E para trabalhar, uma coisa se torna indispensável: condições de trabalho, que é como quem diz, piscinas. Precisamos piscinas. E enquanto elas não existirem—construídas, não nos referimos aos projectos—não tenhamos veleidades, e não esperemos ir a terra estranha fazer boa figura.

Em Espanha, não faltam piscinas. Há possibilidade, pois, de realizar um trabalho em profundidade. Basta ler os jornais, e verificar que os campeonatos nacionais do país vizinho inte-

das suas possibilidades actuais, em 22 m. 42 s. 3/10.

Nos 400 metros-livres, os dois nadadores espanhóis trocaram posições: Isidoro Ferry foi o primeiro, com 5 m. 16 s. 1/10, e Manolo Martínez, segundo, com 5 m. 21 s. Curioso notar que o «tempo» de Manolo Martínez é, precisamente, o recorde português, pertença de Baptista Pereira desde 17-9-45.

Em relação aos 1.500 metros, Jeremias Simão trocou com Belmiro e Baptista Pereira voltou a classificar-se em quarto lugar. Os dois portugueses correram sem poder dar lata. O «tempo» de Simão é regular (5 m. 30 s. 3/10). O do alhandrense nitidamente fraco: 5 m. 43 s. 3/10.

O esforço de Silva Marques

Também nos 200 metros-bracos, com Artur Mendes Silva em dia de má carbação, não fomos além dos terceiro e quarto lugares.

Os espanhóis apresentaram-se em forma apurada. Manuel Guerra obteve um «tempo»—2 m. 36 s. 4/10—só acessível a João da Silva Marques, na sua época áurea, pois não podemos esquecer que o recorde nacional da distância está em 2 m. 36 s. 8/10 (22-8-37).

De momento, porém, não temos braclistas que possam ombrear com os nossos vizinhos. E, assim, Barillo foi o segundo, à vontade, com 3 m. 2 s. 4/10.

Debaixo de outro ponto de vista, quer dizer, para nós portugueses, a grande figura da prova de braços foi João da Silva Marques, com um bom «tempo» (3 m. 5 s. 8/10) para os seus quarenta anos de idade, e uma bela vitória sobre Artur Mendes da Silva, que não pôde fugir do último lugar, com 3 m. 6 s. 1/10.

A estafeta olímpica de 4x200 metros-livres

Os espanhóis—tal como havíamos previsto—venceram a estafeta de 4x200 metros-livres. E venceram por forma a não deixar dúvidas—por 13 s. 5/10 de vantagem.

Havia quem acentasse a es-

Vendo o que se passa

Comentários e Verdades

No futebol português as coisas vão-se arrumando cada vez melhor. Começava a ser tempo... O que ainda não está no sítio — lá irá.

O reconhecimento das faixas, das categorias, por exemplo, tardou, mas principia agora a ser uma verdade.

De uma maneira geral, todas as categorias estão já integradas na sua verdadeira função ou missão.

Verificou-se em determinada altura que as segundas ou as terceiras categorias não eram ou não podiam ser a autêntica escola — e criaram-se as categorias de juniores.

Pois os juniores estão já a ser a fonte de renovação do futebol português. E não podia deixar de ser assim.

Para o ensino dos juniores, os técnicos, os treinadores, os próprios dirigentes levam cuidados e atenções especiais — que não se verificavam quando a «escola» era nas terceiras ou segundas categorias.

É verdade que estas não perderam a utilidade. Continuam a ter — o seu lugar próprio.

Se o futebol coimbricense é presentemente caracterizado por uma vibrante mocidade, deve-o aos juniores.

Neste momento, Coimbra bate talvez um recorde: o de ser a região que mais juniores tem a jogar — nas primeiras categorias!

Dois médios de ataque

Estreou-se na Associação Académica um médio, vindo do Sporting de Luanda, Eduardo Santos, dotado de um sentido especial de jogo de ataque. Pelo menos, pouco vulgar entre nós.

Não tem, positivamente, a classe dos melhores tempos de Szabo (Famalicão), mas é extremamente parecido com o húngaro que maravilhou Gabriel

perança de uma vitória lasitana nesta prova, esquecendo, por certo, o melhor trunfo dos espanhóis — a sua impressionante homogeneidade.

Resta-nos, porém, uma constatação: se os espanhóis ganharam, e melhoraram o seu recorde nacional, os portugueses, também, baixaram o nosso máximo e, o que é mais, Mário Simas, no primeiro percurso, melhorou o seu recorde individual, fixando-o em 2 m. 21 s. 8/10 — «tempo» de grande categoria.

A turma lasitana, formada por Simas, Belmiro, Simão e Patrão, cobria o percurso em 9 m. 53 s. 3/10, estabelecendo, assim, novo recorde, pois que o antigo — que datava de 25/8/45 — estava em 10 m. 13 s. 6/10.

Ao fim e ao cabo das duas jornadas, a Espanha somava 44 pontos e Portugal 27.

Há pois que dar ramos novos à natação portuguesa para que ela possa progredir com segurança.

E no finalizarmos estes comentários a distância, saudamos, mais uma vez, Mário Simas, honra e glória do desporto nacional, não esquecendo que ele é prodoto dum treinador português — Alberto Azinheira dos Santos.

Abreu Torres

Hannot — na concepção do lance e na prontidão e perfeição da entrega.

A sua maneira há-de, com certeza, produzir modificações na toada da equipa escolar — desde que a saibam aproveitar convenientemente.

Aliás, o team dispõe de outro excelente médio de ataque, Lomba.

A circunstância de uma equipa possuir dois bons médios de ataque — não é frequente, e precisa de ser explorada.

Curiosa biografia de um jogador

No Sport Coimbricense há um jogador, Francisco Maria da Cruz, por sinal dos melhores da equipa, que conta no seu activo nada menos de 16 jogos de passagem de Divisão — e só uma vez baixou de Divisão, o que não deixa de ser ainda mais curioso.

Trata-se, com certeza, de um caso único no nosso futebol.

Alinhando pelo Santa Clara Fa-

tebol Clube, que então fazia parte da Divisão principal da A. F. C., fez, em duas épocas sucessivas, quatro jogos contra o extinto Clube de Futebol «Os Coimbricenses», campeão da II Divisão. O Coimbricense em nenhuma das épocas conseguiu ascender.

No ano imediato, defrontou, nos mesmos desfalcos, o Lusitânia Desportivo Clube. A questão foi dirimida em três encontros, e o último desfalco determinou a desceida do Santa Clara.

Na época seguinte, Cruz ingressou no Sport e ao Sport coube nessa mesma época jogar com o Santa Clara, que tinha ganho o campeonato da II Divisão. Foram também precisos três desfalcos para definir a posição dos clubes — que não se alterou.

Mais outra época, e novamente o Sport e o Santa Clara tiveram de disputar os mesmos jogos. O Sport, porém, manteve-se — não perdendo nenhum dos desfalcos. O mesmo aconteceu quando ao Sport coube jogar com o Calhabé (1943-44) e o Sporting

Clube Figueirense (1945-46).

Não deixa de ser da mesma maneira coriosa a firmeza do Sport na I Divisão.

Um campo

Começaram os trabalhos de construção do campo de futebol no terreno do Estádio Municipal. A localização e exposição deste campo são ideais — na ampla baixa do Calhabé, o mais fragrante dos bairros de Coimbra, na moldura de serres azuis, salpicadas pela radiosa brancura dos povoados arrabaldinos.

A obra deve estar concluída em fins de Novembro, e nele a Associação Académica jogará o primeiro desfalco do Campeonato Nacional.

A Câmara, em primeiro lugar, à Federação e à A. F. C. se deve a iniciativa.

O futebol coimbricense precisa de mais este campo — como quem precisa de luz para ver.

Adriano Peixoto

HIPISMO

O tenente Henrique Calado

venceu com muito brilho

a «Taça Farinha Beirão»

A «Taça Farinha Beirão» — importante troféu instituído pelo G. N. R., que, pelo seu valor, tanto interesse tem despertado no público — deveria este ano ser disputada em Mafra, dada a vitória do tenente Henrique Calado obtida em 1945 e porque, ao abrigo do regulamento da prova, cabia à unidade a que pertence o vencedor a realização da competição imediata.

O Depósito de Remonta, para que um maior número de pessoas assistisse à sempre curiosa competição, fez-la disputar em Lisboa, num gesto bastante simpático e digno de ser devidamente enaltecido.

As provas deste género contribuem fortemente para a propagação do desporto hípico e pena é que, havendo uma só «Taça Farinha Beirão», em cada ano esta mesmo tenha desaparecido...

Os portões do Jockey Club abriram-se de par em par para que o público pudesse assistir gratuitamente à prova que se disputou em duas mãos, e que reuniu o bonito número de 44 concorrentes.

A história do troféu é curta, visto que data apenas de 1942, ano que proporcionou ao capitão Pascoal Rodrigues no «Namir» a oportunidade de abrir a lista de vencedores. No ano seguinte coube a vi-

lória ao capitão José Beltrão, no «Montes Claros»; em 1944 ao capitão Correia Barreto na «Brogueira» e no ano findo ao tenente Henrique Calado, montando «Brioso III».

Havia bastante interesse em saber qual seria o novo vencedor.

Os prognósticos eram difíceis porque havia grande número de conjuntos, de valor bastante aproximado, e, como sempre, o factor sorte poderia imperar, o que desta vez não se verificou.

Apurados dez cavalos para a 2.ª mão, todos com percursos limpos, um deles — o «Sado», que o tenente Alves Pereira conduziu bem — «limpou» em 54" 4/5, tempo magnífico, que tornou a prova bastante difícil a partir desse momento.

O tenente Henrique Calado, no «Abrunho», penúltimo concorrente, entrou em pista disposto a dar tudo por tudo para garantir um triunfo que, com o do ano anterior, lhe dava a posse definitiva de leça.

Todas as suas extraordinárias qualidades de concursista foram de novo postas à prova e a sua coracíssima condução verificou-se mais uma vez.

Cavaleiro de grande categoria, lançou o «Abrunho» a uma vitória que duplamente lhe deve ter agradado e que figura entre as mais



Tenente HENRIQUE CALADO

brilhantes que lhe temos visto alcançar. Para este género de triunfos não bastam as qualidades de qualquer cavaleiro, são necessários requisitos que só os grandes concursistas possuem. E Henrique Calado pode contar com eles em absoluto.

Nem Pascoal Rodrigues, com o velho «Namir», nem José Carvalhos, com o novo e prometedor «Tete» conseguiram melhor tempo do que o seu — 54 segundos!

A «Taça Farinha Beirão» desapareceu assim da Agenda Hípica, ganha por um cavaleiro que a mereceu sem dúvida alguma e que por ela lutou com o entusiasmo que o caracteriza. Outra se seguirá certamente.

Antas Teixeira

O TIRO aos pombos desenvolve-se em PORTUGAL



O atirador D. Alfonso Sepulveda, vencedor do Prémio Goulão, e uma das melhores espingardas de Espanha

O desporto do tiro aos pombos está a conquistar muitos adeptos em Portugal. Nem admira, havendo na nossa terra muitos caçadores e amadores de tiro de chumbo. Antigamente, a maior parte dos atiradores de *stand* era recrutada na camada dos lavradores; mas hoje este desporto é praticado pelas pessoas das mais diferentes condições sociais. A verdade é que nos últimos tempos têm aparecido magníficas *espingardas*. Para o movimento português desta espécie contribuiu com grande quinhão o Clube Português de Tiro a Chumbo, mas a construção do *stand* de Goulão e a criação de um clube no Estoril, de grandes recursos, veio dar um forte impulso à modalidade. Nasce, assim, a Federação respectiva, sendo possível fazer-se grandes torneios em Portugal, aos quais concorrem espanhóis, franceses e belgas, com prémios muito altos como é característico de semelhantes concursos. Nem conhecemos provas movimentando tanto dinheiro — mesmo pondo de lado as apostas que andam ligadas ao tiro aos pombos como as pérolas à rocha.

De um modo geral, nas provas que se disputaram no Goulão atirou-se bem. Dir-se-á, como sempre, que a sorte favoreceu uns e não auxiliou outros, mas isso é próprio da espécie de tiro.

Os portugueses afirmaram os seus progressos (vide o Portugal-Espanha) mas é indiscutível que os atiradores

espanhóis não deixaram de revelar a sua grande classe. São verdadeiros mestres! Algumas senhoras concorrentes deram a estas reuniões a nota de graça e elegância. Quando escrevemos falta disputar as últimas provas, estando apurados os seguintes vencedores:

Prémio Imprensa, a um pombo, 22 a 20 metros, Manuel Padeira Junior, 44 em 44. Eis um forte atirador, de admirável estilo!
Prémio Câmara Municipal de Cascais, a um pombo, séries, Lázaro Arrizabalaga, 30 em 30. Trata-se de um categorizado atirador de Badajoz.

Campeonato do Estoril, 15 pombos, 26 metros, António Padeira, 26 em 26. O vencedor é considerado um dos atiradores portugueses de maior categoria.

Taça de Ouro do Estoril, 1 pombo, handicap, Pablo Gali, espanhol, 20 em 20. Espingarda seguríssima!

Prémio Goulão, 1 pombo, handicap, Alfonso Sepulveda, espanhol, 29 em 30.

Prémio de Ouro da Junta de Turismo de Cascais, 1 pombo, séries, Luiz Ibañez, considerado atirador valenciano 33 em 33.

O Portugal-Espanha foi vencido por nós por 64 em 80, sendo a equipa portuguesa formada por Altino Cunha, António Carvalho Monteiro, António Padeira, José Corado, Manuel Padeira Júnior, dr. Manuel Teles de Carvalho, Nuno Infante da Câmara e dr. Pedro Braga Martins. O nosso triunfo deve acolher-se não só com a natural satisfação que uma vitória das cores nacionais sempre justifica, mas ainda como afirmação de progressos na difícil modalidade do tiro aos pombos.



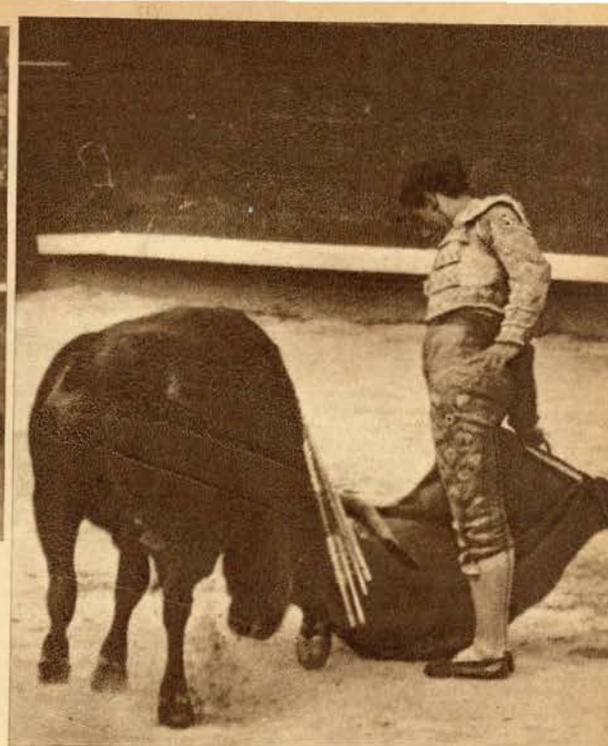
Luiz Ibañez, o conhecido valenciano, de grande renome no seu país e em Portugal, ao ganhar com brilho uma das provas no Estoril



Um aspecto do magnífico campo do Goulão situado no deslumbrante panorama dos altos do Estoril



As apostas são imprescindíveis no tiro aos pombos. Sucedem-se as apostas... e cada qual defende os seus interesses e palpites!



A FEIRA de Vila Franca

ESCAPOU à depressão dos Açores a Feira de Vila Franca, cujo segredo comercial reside apenas na incógnita meteorológica de Outubro. Se houve ciclone foi na entrada dos que encheram a Praça de Palha Blanco nas duas primeiras corridas e apenas inatada na terceira. Lidaram-se, na primeira, touros que o sr. Manuel Santos Jorge tinha vendido, para o matadouro a um dos empregatários, o sr. José Guerra que os apresentou mal. Quase todos se deixaram tourear, mas os de Gregório Garcia, que os aproveitou bem, que os de Diamantino Vizeu, a quem coube um verdadeiramente difícil e ao qual teve o gesto pudentoso de cravar tres pares de bandarilhas a troco de tres inevitáveis colhidas. Difícil ainda que brilhante pelas arrancadas, foi também o 2.º de Simão da Veiga, mas para o valeroso cavaleiro não existem dificuldades nesta sua época triunfal. E José Casimiro fez o que pode nos seus dois difíceis bem.

também lidaram-se touros do sr. José Pinto Barreiros, das cruzes de Gaucero Civico e de Felix Suarez, alguns acusando esta e proporcionando a Pepe Bienvenida oportunidade para patentear os seus vastos conhecimentos. «Pepotes», bom rapaz convidou Diamantino Vizeu a alternar com ele em «equites», e ofereceu-lhe bandarilhas que o novilheiro português cravou de modo a fazer boa figura ao lado do «maestro». A Diamantino credite-se ainda o serenidade com que se manteve à altura de tão sabedor matador de touros. Diamantino termina assim, no seu lugar o primeira etapa da sua prometedora carreira, e prepara-se conscientemente para a segunda, a de matador de touros, tomando alternativa na Praça dos seus melhores e mais repetidos exitos, a da «Maestranza» de Sevilha, onde o vimos aparecer em Abril deste ano e o esperamos ver consagrado em Abril do ano que vem.

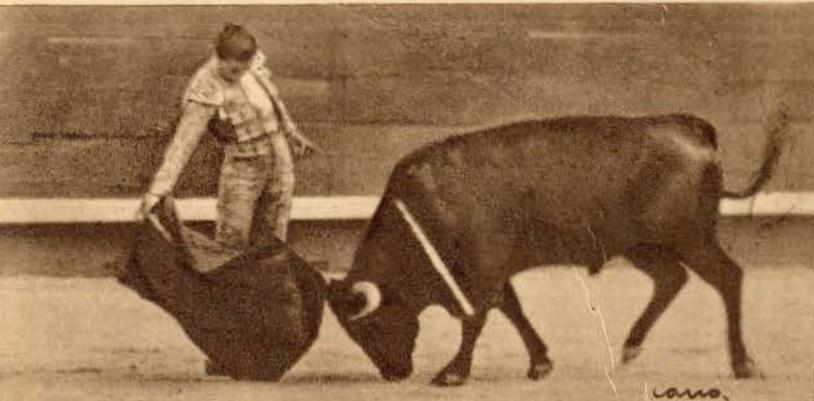
E vejamos agora o caso de Simão da Veiga que na segunda de Vila Franca se decidiu alternar com Conchita Cintron, jogando uma carta, à dama, uma temporada que foi realmente triunfal. O jogo era arriscado, e não seremos nós os julgadores dos porquês da resolução, influenciada, talvez, pela circunstância de lhe ter oferecido um contracto para Venezuela com possível prologamento até ao Perú a terra, de Conchita. É possível que o cavaleiro português não quisesse chegar a Lima com o labéu de se não haver desligado dum véto posto a uma lime-nha, de se ter recusado a tourear com ela na terra dos cavaleiros. Seja como for, o caso é com os cavaleiros, e ao cronista cabe apenas descrever o que se passou nessa tarde de Vila Franca. E foi que Simão da Veiga obteve um novo e maior exito nos seus dois touros, toureando de caras, quando lhe foi possível, e também naquela sua famosa sorte que se explica pela necessidade de alegrar e enganar os mansos, e que, sendo tão diacutida, começa a ser limitada, com a demonstração das suas dificuldades. Conchita, no seu primeiro, ainda que honrando-se em dois «sêgos», também tentou aquela sorte, e também deu a volta à arena, como Simão. No seu segundo, um bezerro, limitou-se Conchita a lidar com a capa e a «muleta», com sua reconhecida graça e habilidade, ainda que com uma colhida final, delicada como a sofrida já na mesma Praça de Vila Franca.

Bregou-se bem nas duas tardes em que fomos a Vila Franca, e pegaram bem os amadores que Salvação Barr-to comanda. Na última, com seis touros do sr. Pinto Barreiros e dois do sr. Lima Monteiro, dizem-nos que «estiveram muito bem os cavaleiros João Nuncio e José Casimiro, que Pepe Bienvenida se não pode luzir, mas que o conseguiu Guanito Belmonte, colhido sem consequências. E dizem-nos que se revelou outro Diamantino. Resulta agora que Portugal é uma mina de diamantes...

Esta foi a penúltima Feira portuguesa do ano, porque ainda temos a da Piedade, em Santarem, com um bem elaborado cartaz que reúne os nomes de Alvaro Domecq, de João Nuncio e Fernando Salgueiro, de Pepe Martin Vasquez, Angel Luiz e Juanito Bienvenida e do nosso Diamantino Vizeu que se despede como novilheiro.

EL TERRIBLE PEREZ

1 — O ajudado por baixo com a direita, que alguns teimam em chamar também «pase natural», tem mérito quando dado assim, quieta a figura e girando em redondo, como Diamantino Vizeu o executa; mas não é o «pase-natural» que o Diamantino aliás prodigaliza quando pode. 2 — Simão da Veiga triunfou nas duas tardes de Vila Franca, num crescente a que já nos habituámos nesta sua temporada triunfal. Na 1.ª tarde mais no 2.º, que tinha perigosas arrancadas, e ainda mais na 2.ª em que toureou, não só com valente alegria, mas até com alto sentido e superior visão da lide. 3 — Bela maneira do touro investir, a passo e com a cabeça no solo, ve-se o que Diamantino teve que aguentar e a maneira de o embarcar na viagem, espíando-lhe as intenções, mandando e comandando como toureiro valente e inteligente.



Continuemos...

Académico

O que aconteceu ultimamente ao Salgueiros faz-nos recordar o princípio de queda do F. C. do Porto, há anos principiada pelo abandono de alguns dos seus melhores jogadores. Embora não fesse quem haja esquecido aliadas que muito contribuíram para o efundamento de uma equipa vellosa como era a dos campeões do Norte, — e de tal modo que já vimos vitoriar, aplaudir dolidamente alguns convintes — não podemos nós, ao invocar o caso do Salgueiros, esquecer e peço aos que bem pouco ou nada lucraram com a transferência, a princípio envolvida com promessas tentadoras, muito cor-de-rosa...

Nesse altura também se saltou por cima de toda a folha. No Porto nunca mais, até hoje, pelo menos, se conseguiu alinhar uma equipa que pudesse dar boa luta aos melhores grupos portugueses, quando se preparavam algumas transferências — tudo foi difícil, sendo impossível.

Ora, esquecendo a pouca força do F. C. do Porto, a quem não devem jogadores mas que já se sente feliz por não lhes haverem roubado, aborderemos de novo a posição do Salgueiros.

E diz-se desde já: — é possível, desta modo, progredir alguma coisa? O popular clube portuense, sendo pouco a pouco de uma crise que o ia enquiando, preparava gente nova com todo o cuidado, dedicadamente.

Mas... a despeito das suas reclamações, as melhores pedras foram desaparecendo. Os cuidados do Salgueiros, pobres cuidados de colectividade pobre, não conseguiram dar-lhe sossego. Claro que, muito naturalmente, o mal estar cresceu de dia para dia nas fileiras do clube.

Quando, há muitos anos, algum jogador portuense se transferia, sem sair da cidade, ingressando, por exemplo, no F. C. do Porto, — os ditos e escritos eram sempre nervosos e causticantes para o primeiro clube da cidade. Todavia, o futebol portuense não perde unidade, porque ao menos os valores ficavam por cá ao seu serviço.

Ainda há pouco tempo nos dizia certo jogador conhecido:

— Gostava de passar para o F. C. do Porto. Mas, se tal quiser, não sou transferido. Por esse motivo — vou para o clube X, fora da terra. Paciência!

E aqui está mais um aspecto doloroso do problema. Nem o Salgueiros, nem o futebol portuense. O popular clube encarnado lutou empenhadamente, mas não conseguiu segurar alguns dos seus melhores elementos. Lá se foram, até que um dia se erie qualquer lei que proteja o trabalho alheio — ou se dê liberdade absoluta, a fim de se evitarem comentários aborrecidos. E seria mais honesto!

A equipa de futebol do Académico, que já havia surpreendido contra o Boavista e contra o Salgueiros, perdendo por escassa diferença com o primeiro e derrotando de modo expressivo o segundo, teve agora o seu dia de consagração na frente do F. C. do Porto.

O empate que os alvi-negros foram arrancar ao campo da Constituição, chegou obtido à custa de porfiado esforço, e da sua legalidade nenhum assistente pôde duvidar. Especialmente na segunda parte do encontro, souberam os acadêmistas merecer o resultado — que se poderia ter aberto em surpresa maior se não fora a boa oposição da defesa portista.

Não pode esquecer-se que o clube do Lima passou um ano a jogar contra clubes da Segunda Divisão, um dos quais, o Ermeziense, conseguiu fazer aquilo que não pôde conseguir o F. C. do Porto no seu próprio campo... Reagindo admiravelmente contra a sorte que o fez afastar-se dos clubes maiores da cidade, aparece-nos esta época disposto a embarçar o trabalho dos grupos que erradamente se consideravam superiores.

Ficou o Académico, depois da jornada da Constituição, a um ponto dos clubes da vanguarda. O F. C. P. e o Boavista terão de ir jogar agora ao Campo do Lima, na segunda volta, e será lícito supor que ali fará tudo para convencer o público do seu real valor.

A equipa foi constituída com muitos rapazes novos, tendo apenas na defesa dois jogadores experimentados; e pela habilidade de alguns deles, especialmente dos do ataque, infere-se desde já que o Académico vai ser adversário difícil no decorrer da prova.

Pois assim seja. A valorização do futebol portuense apenas poderá constituir um facto se os bons grupos aparecerem. Os que se consideram, erradamente, invencíveis, talvez aprendam alguma coisa...

Revista da Semana

FUTEBOL — Concluída a primeira volta do campeonato regional, vê-se que o F. C. do Porto e o Boavista estão empalados em 1.º lugar. Depois, ameaçadoramente, segue-os o Académico, com um único ponto de diferença.

Na última jornada, só um concorrente ganhou fora do seu campo: o F. C. do Porto. Foi seu adversário o Leça F. C., vencido por 5-1, após um jogo em que os donos da casa não primaram pelo bom recebimento, por endurecerem o jogo sem motivo.

Para não fugir ao costume, o F. C. P. apresentou nova linha, agora mais valorizada pela inclusão de Correia Dias. Joaquim reapareceu também, mas agora no posto de médio-direito, onde cumpriu muito razoavelmente.

O jogo mais «importante» da jornada, porém, efectuava-se no Estádio do Lima, entre o Académico e o Leixões. No entanto — desiluiu por completo. A equipa de Matosinhos, que havia «sombreado» o F. C. do Porto, como a crítica, não teve sequer a energia habitual na frente dos acadêmistas. Estes ganharam por 1-0, mas poderiam ter ido mais além.

Domingo próximo se verá se a forma dos acadêmistas é «real» como parece. No seu campo terá de jogar o Boavista, team de aspirações ao segundo lugar, hoje considerado superior ao campeão do Norte.

No Besse, a equipa do Salguei-

ros não pôde evitar uma derrota mais ou menos esperada. A formação do Boavista ganhou por 4-0 e exibiu-se bem, o mais confiadamente que é possível. Mas também o Salgueiros deu mostras de boa vontade, dificultando o mais possível o trabalho dos donos da casa.

Eis a classificação no fim da 1.ª volta:

F. C. do Porto...	13 pontos
Boavista	13 »
Académico	12 »
Leixões	9 »
Salgueiros	8 »
Leça	5 »

PATINAGEM — Com a concorrência do Benfica, Académico e Cascais, disputaram-se no «rink» do Lima os campeonatos de Portugal de patinagem. Os lisboetas apresentaram nesta cidade uma equipa bem constituída, dominando os seus adversários em toda a linha.

HOCKEY EM CAMPO — Como sempre tem acontecido, o «hockey» portuense começa a tempo e horas. Inscrevem-se sempre muitos grupos e daí os cuidados da Associação respectiva. No domingo efectuou-se a primeira jornada do «Torneio Início», tendo-se verificado os seguintes resultados: Leixões-Vigorosa, 2-0; Académico-Vilanovaense, 3-3; Porto-Sport, 2-0; Ramaldense-Liaude, 2-0. A Académica de Espinho não compareceu ao Boavista.

DOMINGOS MIRANDA, agora elevado à categoria de árbitro Internacional de futebol, recebeu antes do jogo Porto-Académico uma significativa homenagem.

Significativa e justa. Na verdade, Domingos Miranda conseguiu impor-se ao público e jogadores, denunciando sempre os seus propósitos de ser imparcial e correcto.

♦ O AMÉRICA adiou a sua visita. Bem dizíamos há semanas que quando se anunciam equipas espanholas... só vindo. Claro que não duvidamos, por agora, da organização. Mas o que não pode esquecer-se a contrariedade, tão corrente nas relações desportivas entre portugueses e espanhóis.

♦ ESBOÇA-SE uma campanha: — a de pedir, para o Porto, um jogo internacional. Nada mais justo, embora duvidemos que tal aconteça.

O Porto está muito cá para cima. Promete-se muita coisa... mas tudo continua como dantes.

♦ AS PISCINAS... tal como os Estádios! Se o Porto tivesse nesta altura metade dos campos e piscinas que lhe têm prometido, já estava bem governado, sem dívida alguma...

♦ UM SUBSÍDIO para o Académico e promessa de outro para o Progresso, que pretende construir o seu campo. São notícias dignas de louvor.

As obras do Lima, com melhoramentos no terreno de jogo, deram ao único campo que o Porto possui para desafios mais importantes certa comodidade. Por isso o subsídio agora votado merece citação.

♦ A EQUIPA do F. C. do Porto tem grado descontentamento entre os seus consócios. Realmente, a sua actuação tem sido pobre e, além disso, desinteressada por parte de alguns jogadores.

O trabalho de Barrigana e de Guilher alinha no grupo das excepções honrosas.

♦ BELO resultado obido pelo Boavista em Matosinhos, frente ao vitorioso Leixões. Chama-se e isto «querer». O conjunto do Besse, que não fora de todo feliz contra o F. C. P. demonstrou em Matosinhos uma forma superior à dos campeões. Em técnico e em vontade.

Julgamos o campeonato ao seu alcance.

♦ VERIFICA-SE o abandono do F. C. P. em várias modalidades desportivas. E tem graça: — Se procurarmos bem os motivos desse abandono, vamos encontrar a cabeça da «questão» os mesmos culpados.

Está bonito, isto...

♦ O ANDEBOL já nos forneceu vários jogos esta época. O mais importante: — o trabalho que tiveram certas pessoas em descrever o «extraordinário» interesse do público pelos desfechos realizados,

Análise da temporada de 1946

V — Corridas de barreiras

A época linda mais acentua a escassez nacional dos especialistas de barreiras; sobretudo na distância clássica dos 110 metros, o número de concorrentes não excedeu a dezena e em Lisboa, onde se mantém centralizada a grande força do atletismo português, apenas um clube — o Benfica — apresenta representantes na citada prova.

Para maior agravamento da situação, foi também diminuído o número de novos presentes nos torneios de principiantes e juniores, ainda para estas categorias com apreciável predominância dos benfiquistas, cujo clube parece ser o único onde vigora escola da especialidade.

Dos elementos entrados este ano na falange dos corredores de barreiras, dois merecem particular destaque: Carlos André, com o melhor tempo de 12,1 s. nos 83 metros, e Darão, com 12,3 s.; junta-se-lhe um júnior, Veloso, que foi creditado em 12,5 s. Todos do Benfica.

Os restantes competidores, tanto em Lisboa como no Porto, não conseguiram descer abaixo dos 13 s., o que constitui traca referencial.

É muito difícil estabelecer uma tabela verdadeira dos melhores resultados do ano na distância dos 110 metros, isto por que nos dias de provas o vento favorável

sopra com tal violência que as marcas não se apresentavam em condições de consideração e chegam ao ponto de impedir — pelo derrape constante dos obstáculos — a realização da final do campeonato nacional.

Em conformidade, não levaremos em conta os tempos alcançados pelos corredores na jornada dos regionais (30 de Junho), que vão indicados entre parêntesis, diante da marca considerada legítima:

Fernando Ferreira (Benfica), 16,2 s. (24-VI) e 16,4 s. (27-VII) (15,7 s. e 15,8 s. em 30 de Junho).

Carlos André (Benfica), 16,4 s. (14-VII) e 16,6 s. (1-IX) (15,9 s. em 30 de Junho).

Martins Vieira (Benfica), 16,4 s. (1-IX e em 30-VI).

Luís Alcide (Benfica), 16,5 s. (1-IX).

Glória Alves (Benfica), 16,8 s. (14-VII) (16,4 s. em 30-VI).

Se a apreciação for feita concreta e exclusivamente sobre esta lista de resultados, a temporada mostra-se sob péssimo aspecto, francamente pior do que as precedentes.

A verdade, contudo, não deve ser tão sombria; nas barreiras nacionais, espécie de caricatura do modelo oficial, os nossos especialistas valem tempos inferiores. Com autênticos obstáculos em condições de distribuição regulamentar de peso, inferiorizar-se-ão, como aconteceu em Barcelona, onde Ferreira foi infelicitíssimo e André não foi ele próprio por falta de confiança e receio.

Carlos André e Darão, eis os dois elementos com que teremos de contar para o futuro; possuem excelentes aptidões e um estilo já apreciado.

Fernando Ferreira ainda poderá defender o seu título e acre-

ditamo-lo até capaz de superar o recorde nacional; o seu problema resume-se às possibilidades de preparação.

Martins Vieira e Glória Alves, que reapareceram após longa ausência, alcançaram já a veteranaria. Classe, ninguém lhes nega, mas os progressos são pouco prováveis.

Vejam agora os corredores de 400 metros:

Matos Fernandes (Benfica) 55,1 s. (7-VII), 55,2 s. (28-VII), 56,6 s. (13-VII).

Artur Dias (Sporting) 59,1 s. (28-VII), 1 m. (7-VII) e 1 m. 1 s. (13-VII).

Elói Costa Pereira (Benfica) 1 m. 0,9 s. (13-VII).

Martins Vieira (Benfica) 1 m. 1,7 s. (13-VII) e 1 m. 4 s. (7-VII).

A. Portela (Académico) 1 m. 4,5 s. (30-VI).

Matos Fernandes, o homem que devia ter ido a Oslo, alcançou nesta prova o resultado português mais pontuado pela tabela finlandesa (898 p.), em condições de indiscutível legalidade. Sobre a sua classe e a sua forma temos dito tudo e todo o bem que pensamos; teve a sua melhor temporada e é, no presente, o atleta n.º 1 de Portugal.

Artur Dias foi um barreirista de ocasião, que se valeu dos seus méritos de corredor de 400 metros para saber a internacional e creditar-se, apesar de completa ignorância de estilo na transposição do obstáculo, do terceiro resultado nacional.

Elói Costa Pereira andou atrás da forma que não conseguiu apanhar; esperemos pela próxima temporada para o julgar como merece.

Salazar Correia

Comentários

Contribuições

O regime de contribuições actualmente aplicado aos espectáculos desportivos — 8% sobre a receita equivalente à lotação completa do recinto, mesmo que o número de espectadores não passe da metade — tem sido alvo em toda a imprensa da especialidade, sobretudo nas colunas do nosso colega «A Bola», de insistentes e justíssimos comentários, que tendem a acelerar a renegação de uma medida tributária asfixiante e, não hesitamos em afirmá-lo peremptoriamente, que levará ao completo desaparecimento a actividade de algumas modalidades desportivas.

Não é fácil encontrar lógica que explique a obrigação de pagamento de uma taxa tributária superior à totalidade da receita cobrada com o espectáculo desportivo; e também não corresponde ao apoio real e ao interesse demonstrado para as coisas desportivas pelos Poderes Públicos, a aplicação às suas organizações de um coeficiente tributário superior ao que é aplicado aos outros espectáculos públicos, teatros, cinemas e touradas.

A renegação imediata destas ruinosas disposições é a mais instantânea necessidade actual do desporto português e, a par das diligências em curso e de iniciativa das instâncias superiores da hierarquia desportiva, seria oportuna uma campanha nacional de interesse, desenvolvendo-se em todos os órgãos da imprensa es-

pécializada, e cujo objectivo prático poderia ser a organização de uma grande representação nacional junto do governo português.

Mesmo sem insistir sobre o valor da taxa aplicável, a alteração a solicitar nas disposições vigentes será aquela que a todas as análises se oferece como a mais concorde — a única concorde, até — com as normas de justiça: contribuição em percentagem sobre a receita efectiva e não sobre uma receita máxima hipotética e quase sempre inacessível.

A organização particular desportiva, cuja obra foi reconhecida de utilidade pública, solicitará ao sr. Ministro da Economia a suspensão imediata das disposições legais, que, sendo de promulgação antiga, apenas há alguns meses foram aplicadas, e o regresso provisório ao precedente regime de impostos enquanto não fossem decretadas novas normas mais favoráveis e que lhe permitissem o desempenho da sua missão nacionalista de tributo para a formação da juventude.

Não é de duvidar o êxito da representação.

Amadorismo

NAS altas esferas do atletismo internacional continua acesa a divergência suscitada no congresso de Oslo sobre os limites a dar à definição do amador: de um lado, o rigor absoluto que os ingleses e americanos intransigentemente de-

fendem; do outro, a maior liberalidade que os suecos, muito mais de acordo com as realidades da época em que vivemos, pretendem legalizar com o reconhecimento do direito de pagamento dos salários perdidos em consequência das obrigações de treino e participação.

O presidente Lindman voltou a insistir na sua proposta, tomando agora como base para a sua campanha o facto de haver lido conhecimento de que os atletas russos, ao regressarem ao seu país, receberam todos uma indemnização compensatória dos prejuízos sofridos em resultado da sua viagem à Noruega.

Dirigindo-se ao americano Avery Brundage, a individualidade de maior destaque do seu país na Federação Internacional e no Comité Olímpico, o presidente sueco perguntou-lhe: «Pode assegurar que os atletas norte-americanos não cobram absolutamente nada pela prática do atletismo?»

Por outro lado, acusa o conselho da F. I. A. de haver faltado aos preceitos do seu regulamento admitindo os russos nos campeonatos europeus, pois se trata de atletas averiguadamente profissionais.

Qualquer das questões, tanto a interrogativa como a afirmativa, devem ser grandemente embaraçosas para os visados, mas, disso não temos dúvida, a teimosia da rigidez de princípios, que só existe em doutrina, não transigirá e a mentira do amadorismo dos ases internacionais, de simples operários que passam metade do ano em viageiras pelo Universo sem «nenhuma compensação», continuará inalterada nos estatutos olímpicos, defendida e sancionada por dirigentes que sabem com certeza muito bem o que se passa nos respectivos países.

Notícias

de todos os desportos

No Clube Naval de Lisboa começam a funcionar no próximo dia 1 de Novembro as escolas de remo com o seguinte horário: 5.^{as}, 5.^{as} e sábados, das 7 e 30 às 9 e 30. No cargo de instrutor está investido o antigo campeão António Ferro.

Também em 15 de Novembro abrem as escolas para timoneiros, funcionando as aulas teóricas às 5.^{as} e 6.^{as} feiras, das 21 às 22 horas, e as aulas práticas aos sábados, às 15 e 30, e aos domingos às 10 horas. É professor o sr. José Barrero. O Clube Naval de Lisboa conta, deste modo, a sua valiosa actividade desportiva.

Está aberta na Associação de Rugby de Lisboa a inscrição de jogadores para a presente época. A Associação vai realizar o Torneio de Abertura, que começará a 20, e aceita a inscrição de futuros árbitros. Trabalha-se em rugby, em Lisboa, apesar dos resultados não serem aqueles que desejaríamos.

O Boavista Futebol Clube enviou-nos cartões de livre entrada no seu campo. Agradecemos a amabilidade de um clube que ocupa um lugar de destaque no movimento do Norte.

Distribuição de prémios na A. F. Porto



O sr. Alberto Brito, presidente da A. F. do Porto, entrega a Ivo de Araujo, delegado do F. C. P. as taças conquistadas no campeonato regional nas diversas categorias

Os Campeonatos Nacionais de Patins



Os concorrentes aos campeonatos nacionais de corridas em patins, representantes do Benfica, Cascais, Académico e Infante de sagres

Campeonato da A. F. Porto



A defesa do Leixões corta uma avançada do Académico



Campeonato da A. F. C. de Braga

A 'provincia continua animada nos seus jogos de futebol. Os respectivos regionais vão seguindo perante o entusiasmo da assistência, como se vê pela foto do jogo Sporting de Braga-Vitória de Guimarães. Ao lado uma defesa de Salvador, nesse encontro



Armando entre a defesa salgueirista defende de cabeça



Campeonato de Coimbra

Um aspecto movimentado do jogo Académica-União



A BICICLETA

FLECHA

VENCEU A

XI VOLTA A

PORTUGAL

BICICETA



PORTUGAL

Stadium

Esc. 2\$00